

APRENDENDO A LER O MUNDO: EDUCAÇÃO DA ATENÇÃO E PERCEPÇÃO PARAPSÍQUICA DO AMBIENTE¹

Gustavo Ruiz Chiesa (FURG / RS)

Palavras-chave: experiência parapsíquica; educação da atenção; antropologia sensorial.

Um grupo de pessoas trajando roupas brancas trabalha na preparação de um salão organizando a disposição de uma série de cadeiras de modo a formar algo semelhante a duas circunferências concêntricas composta de 12 pessoas em cada uma delas. Sentada a frente de tais circunferências encontra-se uma pessoa responsável por conduzir a atividade e sustentar o “campo energético” daquele ambiente. Ao redor dessas circunferências, colchonetes são colocados para aqueles que preferem permanecer deitados doando suas “energias” durante a atividade que está prestes a se iniciar. Trata-se da Dinâmica Interassistencial da Paracirurgia promovida semanalmente pela ECTOLAB: Associação Internacional de Pesquisa Laboratorial em Ectoplasma e Paracirurgia, uma instituição de pesquisa formada por médicos, psicólogos, engenheiros, biólogos, neurocientistas interessados em aprofundar suas reflexões e experimentações em torno das ideias de saúde, cura, bem-estar e equilíbrio físico, mental, emocional e espiritual, cujo foco encontra-se na tentativa de compreender, mensurar e identificar o “ectoplasma” e os efeitos que tal substância provoca nos organismos vivos e no ambiente. Tal “substância” seria encontrada em todos os seres vivos e supostamente apresentaria propriedades terapêuticas e assistenciais.

Em média, cerca de 50 pessoas participam semanalmente da dinâmica que ocorre sempre às sextas-feiras, a partir das 19 horas, em um salão localizado na cidade de Foz do Iguaçu. Antes de acessarem o interior do salão os visitantes passam por uma rápida apresentação realizada por um dos voluntários, esclarecendo sobre o funcionamento da dinâmica. São oferecidos agasalhos e cobertores àqueles que se incomodam com a baixa temperatura do ambiente (em torno de 18°C), necessária, segundo afirmam, para estimular a produção de “bioenergias” ou, mais exatamente, do “ectoplasma”. Ao entrarem no frio e escuro salão (pois a pouca luminosidade também supostamente facilitaria a produção de energias) os visitantes poderão escolher entre sentar na segunda fileira de cadeiras ou deitar nos colchonetes. Em ambos os casos, seu

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

papel consistirá em doar energias no intuito de auxiliar na sustentação do “campo energético” instaurado naquele ambiente.

A dinâmica se inicia com um trabalho de mobilização energética, primeiramente através de uma técnica de relaxamento e concentração, em seguida, por meio da exteriorização das energias para todo o ambiente e, finalmente, pela assimilação dessas energias de modo a instaurar um campo energético que assegure a plena realização da atividade assistencial da “paracirurgia” (ou “cirurgia espiritual”). De todos os personagens que compõem a cena, os protagonistas são os doze voluntários que se dirigem, um após o outro, a cada nove minutos, para o centro da circunferência (enquanto todos os demais permanecem sentados e em silêncio), no intuito de que as consciências extrafísicas (ou espíritos desencarnados) se “acoplem” (numa espécie de transe mediúnico ou “descoincidência dos corpos”, mas sem perder a lucidez) e utilize o corpo espiritual (psíquico e energético) do voluntário como um “molde energético” para a realização da paracirurgia. O procedimento se dá, portanto, em um nível puramente energético ou espiritual, sem qualquer intervenção física, simplesmente por intermédio da doação de energias, entendidas como sendo o próprio ectoplasma em sua forma mais sutil, invisível aos olhos humanos, mas de alguma maneira percebido ou sentido pelos que ali se encontram.

No transcorrer da atividade, entre um e outro “acoplamento” (ou transe mediúnico), é dado um intervalo de um minuto para que todos os presentes anotem, em pranchetas dadas na entrada do salão, as percepções (ou “parapercepções”) que tiveram durante aqueles nove minutos em que determinado voluntário permaneceu sentado no centro da circunferência. Após a passagem do último doador, inicia-se um trabalho de “desassimilação energética”, semelhante ao realizado no começo da atividade, com a realização de uma espécie de “limpeza fluídica” das possíveis energias maléficas que tenham sido trazidas e permaneceram contaminando o ambiente.

Durante a atividade espera-se que o participante, seja ele um voluntário experiente ou um visitante ocasional, mantenha uma postura de “passividade alerta”, estando sempre atento a tudo o que acontece no campo e em si mesmo. Nas duas horas em que permanece ali sentado (ou deitado no colchonete), e principalmente no momento em que se dirige ao centro da circunferência para realizar o “acoplamento”, ele deve evitar realizar quaisquer movimentos corporais e procurar manter o silêncio e a concentração, focando seu pensamento na equipe extrafísica ou no conjunto de

“amparadores” (espíritos protetores) que assiste aquele ambiente, aquelas pessoas. O fundamental, afirma um dos voluntários, é *estar conectado*: “é sentir a equipe extrafísica, sentir o campo, relaxar e deixar a coisa acontecer... Milhões de coisas estão acontecendo ao nosso redor, e você sente... sente arrepios, tem *insights*, ideias, emoções... Então você deve anotar tudo o que percebeu, por mais absurdo que possa parecer”. Não tente controlar o ambiente; “o mais importante é a sua sensação no corpo; essa é a sua principal máquina”.

Tem-se início, então, ao debate em torno das percepções anotadas durante a dinâmica. Esse talvez seja, especialmente para os visitantes novatos, o ponto alto de toda a atividade. As inúmeras coincidências entre as percepções é algo realmente impressionante. Cenas de acidentes, desastres, cirurgias, órgãos ou partes do corpo humano, procedimentos clínicos, pessoas com transtornos mentais, muitas vezes descritos com riqueza de detalhes (contendo datas, endereços, nomes, características físicas...) chamam a atenção, sobretudo quando essas descrições são percebidas e anotadas, ao mesmo tempo, por várias pessoas, localizadas em pontos distantes do salão. Lembro-me, por exemplo, em uma dada sessão, de quatro pessoas terem relatado percepções de cirurgia (ou melhor, paracirurgia) no cerebelo de alguém. E mesmo que as percepções sejam coincidentes, o modo como cada um percebe o ambiente pode variar. Assim, enquanto a maioria das pessoas visualiza imagens ou *flashes* de uma cena acontecendo, outros percebem recortes ou fragmentos (uma espécie de fotografia) daquela situação, ou apenas ouvem alguém descrevendo uma cena ou uma determinada enfermidade, ou ainda, sentem repercussões físicas em seu próprio corpo indicando em qual região ou órgão a paracirurgia foi realizada. Por exemplo, se a pessoa assistida está com um problema hepático, provavelmente o doador de energias sentirá alguma repercussão em seu fígado, demonstrando haver alguma relação de correspondência entre os órgãos físicos e extrafísicos. Essas percepções serão coletadas e arquivadas para serem posteriormente analisadas pelos pesquisadores da ECTOLAB.

Na primeira dinâmica que participei fui convidado a sentar na posição de doador ficando, portanto, na segunda fileira de cadeiras, precisamente na cadeira mais afastada para que pudesse ter uma melhor visão de conjunto. Apesar do silêncio, da monotonia e da escuridão que tendem a nos provocar certo estado de sonolência permaneci o tempo todo observando a cena e realizando algumas pequenas anotações em meu caderno de campo. Procurei manter certo distanciamento em relação ao que ali acontecia, sem

deixar me envolver e sem saber direito, na realidade, o que estava acontecendo. Até que num determinado momento da dinâmica uma imagem curiosa me veio à mente. Comecei a visualizar a cena de um acidente de carro, um capotamento que deixou o motorista gravemente ferido, especialmente na região da cabeça. Em seguida, vi esse mesmo motorista deitado sobre o que parecia ser uma maca de um hospital e cercado por uma equipe médica que realizava um procedimento cirúrgico justamente em sua cabeça. A cena desapareceu e eu voltei novamente minha atenção para a pessoa que se encontrava naquele momento sentado na poltrona situada no centro da circunferência. Comecei, então, a sentir um desconforto a altura do meu estômago, com uma sensação semelhante à vontade de vomitar e um desejo incontrolável de bocejar e tossir. Senti meus olhos lacrimejarem, meus ouvidos e meu nariz coçarem, como se algo quisesse sair de dentro de mim. A sensação, no entanto, diminuiu, a pessoa se levantou e fez as anotações que acabei de descrever. Alguns instantes se passaram e vi uma outra cena, um *flash*, na realidade, de uma cirurgia de estômago. Não consegui identificar a pessoa que sofreu a cirurgia, nem o local, apenas visualizei rapidamente o procedimento cirúrgico e logo a imagem desapareceu de minha mente. Passaram-se mais alguns minutos e comecei a visualizar a cena de um naufrágio, com vários botes salva-vidas socorrendo as vítimas de um navio que acabara de afundar. A dinâmica finalmente se encerra, as luzes se acendem e se inicia o debate em torno das percepções dos que ali se encontram. Além de mim, outras três pessoas anotaram em suas pranchetas, durante a dinâmica, situações envolvendo acidente de carro e cirurgia na cabeça. Duas pessoas relataram uma cena de naufrágio e outras seis disseram ter visualizado uma cirurgia estomacal. Como já dissemos, tais relatos serão recolhidos pelos voluntários para serem analisados e cotejados com os pedidos de paracirurgia realizados durante aquela semana (através do *website* da ECTOLAB). Por exemplo, sobre as quatro percepções de cirurgia no cerebelo acima mencionadas foi constatado que naquela mesma semana houve um pedido de paracirurgia para alguém que possuía um tumor no cerebelo. Vale ressaltar que as pessoas que participam das dinâmicas, e fazem os registros de suas percepções, não têm acesso prévio aos pedidos precisamente para que as suas percepções não corram o risco de serem enviesadas ou afetadas por informações exteriores à dinâmica.

A semelhança de tais percepções é algo que impressiona, especialmente pela frequência com que isso ocorre. Todas as sextas-feiras os relatos coincidentes se repetem, mesmo que o público varie. E mesmo tentando me manter distante e

desconectado, o fato é que de alguma maneira eu fui “capturado” e acabei caindo na teia (ou no emaranhado) de seres e energias que compõem aquele ambiente. Em resumo, eu fui *afetado* pelas mesmas forças que afetavam (e ainda afetam) “meus nativos” (Favret-Saada, 2005). Tal gesto metodológico-epistemológico não coincide com o conhecido e muitas vezes controverso processo de “tornar-se nativo”, não só em razão da problemática categoria “nativo” – que pressupõe a existência de uma homogeneidade de experiências, visões de mundo e trajetórias de vida –, mas igualmente porque “a participação não implica que o pesquisador automaticamente feche seu ‘olho etnográfico’” (Pierini, 2020, p. 11), deixando de refletir criticamente sobre sua experiência pessoal ou de conversar a respeito dela com seus interlocutores.

De maneira semelhante a Jeanne Favret-Saada, o processo de “ser afetado” me transformou não em um feiticeiro, como no caso dela, mas sim em um ectoplasma. A possibilidade de ser afetado surgiu no instante em que participei ativamente daquele ambiente e me relacionar com todos os “seres” e “forças” que ali se faziam presentes. Tal envolvimento de corpo inteiro de algum modo me permitiu ser “capturado” pela experiência nativa. Nesse sentido, ser afetado, participar e experimentar subjetivamente aquilo que até então observava distanciadamente me possibilitou não só conhecer e compreender um pouco mais aquelas pessoas, suas sensações, percepções e experiências, mas também desenvolver ou, ao menos, iniciar o desenvolvimento de minhas habilidades “parapsíquicas”. Trata-se, nesse caso, da tentativa de fazer da participação ou das afecções um modo (somático) de produção de um saber sobre o mundo, derivada de uma abordagem metodológica baseada no engajamento cognitivo, empático e, também, corporal do pesquisador (Bowie, 2013; Pierini, 2020), que resultará no aprendizado de uma maneira singular de ser, conhecer e perceber o mundo.

Seguindo adiante, na pesquisa sobre essas percepções ocorre, primeiramente, a compilação de todos os pedidos de paracirurgia realizados na última semana. Nessa catalogação uma série de dados serão analisados, comparados e separados por motivações (dos pedidos) e especialidades médicas (incluindo não só áreas tradicionais da medicina como, por exemplo, oncologia, mas também transtornos psíquicos, parapsíquicos ou extrafísicos como o chamado “assédio extrafísico” ou “obsessão”). O pesquisador cotejará os pedidos com as percepções anotadas durante a dinâmica, aproximando o que se entende como dados “objetivos” e separando das variáveis “subjetivas”. Assim, quanto mais informações e contextualizações a percepção oferecer,

mais objetivo será o dado apresentado. Dizer que um pessoa que já morreu foi assistida é uma informação subjetiva que se tornará objetiva quando soubermos, por exemplo, através da percepção de um ou mais participantes daquela dinâmica, que essa pessoa era uma mulher, loira, de 35 anos, chamada Helena, que morreu em um acidente automobilístico. Um dado também poderá se tornar objetivo a partir do somatório de diferentes percepções a princípio subjetivas. Como exemplo temos o caso das pessoas que visualizaram o naufrágio, onde duas delas (incluindo eu mesmo) perceberam botes salva-vidas e outra teve, ao mesmo tempo e sem ter acesso às informações das demais pessoas, a sensação de afogamento. Tais percepções, somadas, podem compor um dado objetivo. Doenças físicas, de maneira geral, são sempre tratadas como informações objetivas. E a ideia dos pesquisadores é estabelecer, a partir desses casos, um padrão de marcação ou definição sobre o que é um dado subjetivo e o que é um dado objetivo. Tais dados serão aproximados e formarão uma planilha com gráficos e estatísticas, apresentando todas essas percepções e sensações, visando encontrar coincidências e estabelecer aproximações.

Apesar de todo o trabalho analítico e estatístico, os pesquisadores são unânimes em dizer que o objetivo central de todas atividades desenvolvidas pela ECTOLAB, em especial da dinâmica, é a assistência. Nesse sentido, as pesquisas visam sobretudo qualificar esse trabalho assistencial procurando compreender melhor as capacidades parapsíquicas de seus participantes (especialmente a clarividência e a clariaudiência) e o ectoplasma porque estes são, segundo afirmam, respectivamente o “instrumento de trabalho” e a “matéria-prima” energética da técnica da paracirurgia.

Se na virada dos séculos XIX para o XX o ectoplasma podia ser visto, tocado e fotografado pelos pesquisadores (Chiesa, 2016), agora, nesse outro contexto, ele se faz presente sobretudo através de seus sintomas, ou seja, pelo modo como afeta o corpo de quem o produz. Dentre as sensações relatadas pelos ectoplastas ao longo da dinâmica, as mais comuns são: sensação de bolo e coceira na garganta, tosse, engasgo, bocejo, contração abdominal, lacrimejamento, sensação de corrimento nasal, vontade de espirrar, zumbidos e coceira nos ouvidos. Nota-se que todas as sensações descritas remetem à ideia de que algo precisa sair, ou melhor, que alguma coisa “vaza” de seus corpos de uma maneira incontrolável. Tais sintomas, na visão dos pesquisadores da ECTOLAB, são fortes indícios de que o campo energético criado na Dinâmica Interassistencial da Paracirurgia estimula a produção de fenômenos relacionados à

presença (mesmo que invisível) do ectoplasma naquele ambiente.

Ainda no que diz respeito às percepções e sensações ocorridas na dinâmica, os pesquisadores constataram através das anotações dos participantes que a maior parte dessas experiências acontece no início da atividade, durante os primeiros “acoplamentos” (ou “campos individuais”). Isso ocorre em função do grau de “condicionamento energético” dos participantes da dinâmica. Com o passar do tempo e com a maior assiduidade e comprometimento de seus participantes, a quantidade de percepções objetivas e coincidentes tende a aumentar. As percepções tornam-se mais apuradas, apresentando conteúdos mais informativos e detalhados, o que contribui para o desenvolvimento das pesquisas. Conforme aponta um dos voluntários da dinâmica,

Não é que a percepção tenha melhorado muito, mas às vezes uma percepção que é um *flash* tem uma riqueza maior do que uma com um impacto muito grande e que pode não ser muito rica. Um *flash* pode ter uma acuidade muito exata... E aí você percebe que os detalhes podem ser mais importantes do que algo mais impactante como, por exemplo, uma materialização. Isso é coisa do século XIX. O ideal mesmo, que vai desenvolver cientificamente a coisa, é o detalhe. O que faz diferença na ciência é o detalhe. *A leitura do mundo vai melhorando quanto mais a gente aumenta a resolução dos detalhes. O parapsiquismo aumenta essa condição de entendimento do mundo. É importante você saber diferenciar um devaneio de uma percepção parapsíquica porque nesta última você não perde a lucidez, não perde a clareza. Mas uma percepção correta pode se transformar em um devaneio se você não se controlar, não fixar seu pensamento. Você pega um negócio, uma percepção, por um instante, mas se perde, se deixa levar. Você faz a leitura correta, mas depois embarca em um onirismo. O onirismo é a margem do processo parapsíquico. Você tem que trabalhar... O limiar do onirismo é o processo parapsíquico. Isso que é o discernimento: empurrar a fronteira do onirismo um pouquinho pra lá. Mas saber lidar com isso é um desafio. Tem que saber equilibrar pra não se perder. Tem que ter uma *atenção dividida*. Você consegue deixar aquilo e continuar com lucidez. Você deve estar com dois elementos funcionando. A atenção dividida com concentração profunda, sem perda de qualidade.*

Dois pontos chamam a atenção nesse comentário. O primeiro refere-se à atenção concedida ao detalhe ou, mais exatamente, ao próprio fato de *estar atento* e fazer uma “leitura correta” do ambiente. A percepção parapsíquica possibilita esse melhor entendimento ou leitura do mundo justamente porque permite ver aquilo que ninguém vê ou ver *além do que normalmente se vê*. Ela possibilita, parafraseando Merleau-Ponty (1999, p. 59), a constituição de novas regiões no mundo, revelando “aquilo que até então só se oferecera como horizonte indeterminado”. Mas é preciso *saber ver sem se perder*, o que implica num processo de “educação da atenção” (Ingold, 2020). Nisso consiste o segundo ponto. Devemos estar atentos, nos deixar levar (ou capturar) e nos *afetar* por tudo aquilo que nos envolve, mas com a habilidade para manter o controle, a

lucidez e o discernimento de todo esse envolvimento. Em outras palavras, devemos *seguir o fluxo* de percepções e afecções com a “atenção dividida” – vale dizer, estar atento *ao* corpo e *com* o corpo (Csordas, 2008) – e a concentração necessária para interromper o fluxo e estabilizá-lo no momento em que for preciso. De algum modo, é preciso “cortar a rede”. Afinal, o que está em jogo nesse processo é a sistematização de uma série de experiências visando, com isso, a produção de um conhecimento (que se propõe) científico (e não onírico) acerca da realidade. Está em jogo precisamente a definição do que é real e, por consequência, a sua distinção em relação ao que é tido como fantasia, devaneio, sonho ou imaginação. Não se trata, portanto, de descartar ou esconder a imaginação, mas sim de estimulá-la de uma maneira equilibrada, consciente e “atenta” aos seus possíveis efeitos.

Finalmente, o elemento fundamental que possibilita o aumento das percepções (ou parapercepções) do ambiente é o ectoplasma, pois é ele quem faz a conexão ou mediação entre os planos material e espiritual. Inspirados em Ingold (2015) diríamos que assim como a aranha depende de sua teia para perceber, capturar e se interagir com ambiente, o ectoplasma faz uso de seu ectoplasma para perceber o ambiente e todos os seres e forças que o rodeiam. Entender como se estabelece essa relação entre (para)percepção e ectoplasma é um dos principais objetivos da ECTOLAB. A hipótese, levantada pelos pesquisadores dessa instituição, é que a presença do ectoplasma faz com que o ambiente se torne mais “denso” e, portanto, mais passível de ser sentido, percebido e afetado por ele. Sim – alertam tais pesquisadores –, o ambiente nos afeta de diferentes maneiras e o ideal é justamente *saber ser afetado* de uma maneira positiva e saudável, ampliando e qualificando a conexão ou a atenção (pois estar atento é estar conectado) com tudo aquilo que nos envolve. Trata-se, nesse sentido, de trazer a dimensão extrafísica para o plano imanente, para o dia a dia, procurando inserir essa “multidimensionalidade” nas dobras da vida cotidiana. Por exemplo, ao encontrarmos uma pessoa na rua devemos levar em conta essa dimensão extrafísica ou multidimensional que vai além dos cinco sentidos. “Devemos ficar conscientes que trocas energéticas podem ocorrer; devemos estar atentos ao padrão energético que aquela pessoa ou aquele ambiente possui”, recomendam os pesquisadores da ECTOLAB, o que justifica a importância de “aprender a ler o mundo” e tudo aquilo que nos cerca.

Palavras finais

A ideia de apreender algo dessa experiência “nativa” através do meu próprio corpo vale-se, em grande medida, de um conjunto de ideias e formulações bastante caras à chamada “virada experiencial” na Antropologia (Pierini, 2020, p. 10) como, por exemplo, os conceitos de *embodiment* (corporeidade) de Thomas Csordas (2008) e do já mencionado *être affecté* (ser afetado) de Jeanne Favret-Saada (2005). Parafraseando outra importante referência nesse campo de reflexão, pode-se dizer que tais conceitos, somados a uma atitude crítica diante da ideia de neutralidade científica, contribuíram para “conferir dignidade” (Goldman 2003, p. 450) à experiência vivida pelo antropólogo durante o seu trabalho de campo, possibilitando a elaboração de uma investigação antropológica que não é “nem uma perspectiva estritamente nativa, nem uma análise fria e distante” (Halloy, 2016, p. 8).

Meu desejo por saber e sentir um pouco mais sobre as experiências vivenciadas por essas pessoas me permitiu estabelecer uma perfeita aproximação entre a antropologia e o modo de conhecer que encontrei durante o tempo em que convive com essas pessoas. Assim, meu interesse em “ser afetado” pelas mesmas “forças” que afetam meus “nativos” ou, ainda, em produzir um conhecimento a partir da *relação*, isto é, das trocas intersubjetivas estabelecidas e compartilhadas durante o campo, acabou tornando o período de tempo em que vivi com eles numa experiência bastante agradável e produtiva. Durante aquele período, procurei não só participar intensamente de suas atividades de pesquisa, mas também sentir ou experimentar na própria pele certos fenômenos que, apesar de invisíveis, eram perfeitamente percebidos ou sentidos por todos aqueles que estivessem dispostos a ver um pouco mais, ou a ver *além do que se vê*. Afinal, eu era meu primeiro e principal objeto de pesquisa, diziam eles. Fazendo, assim, uma espécie de “autoantropologia”, pude perceber, nesse processo de imersão, que eu (e tudo aquilo que sentia durante o campo) também fazia parte de minha pesquisa (ou, agora, “autopesquisa”); eu afetava e era afetado por aquilo que observava. Em função disso, a pesquisa também foi sobre mim ou foi *comigo* no sentido, talvez evidente, de também ser “com eu mesmo” e não apenas *com* (e não *sobre*, vale frisar) os outros sujeitos que estiveram envolvidos nesse trabalho. Borrando as fronteiras entre sujeito e objeto de pesquisa, experimentei mergulhar nos diferentes modos de conhecer a vida, perceber o ambiente e fazer ciência, ao mesmo tempo em que pude trazer à tona o meu modo de ver, pensar e fazer antropologia. Assim, a imersão antropológica tornou-

se para mim uma *educação da atenção* que, longe de ser uma simples aquisição de conteúdos e informações transmitidas por alguém, se caracterizou pelo desenvolvimento de certas modalidades de *percepção, atenção e engajamento* com o mundo.

Procurando perceber o próprio corpo como um instrumento de conhecimento etnográfico, esta "epistemologia encorporada" nos convida para o estabelecimento de um tipo de comprometimento do antropólogo em campo que vai além de uma simples dimensão cognitiva ou racional. Trata-se, em suma, do desenvolvimento de um modo de conhecer e fazer ciência que considera o corpo e as experiências sensoriais elementos essenciais não só para a produção de um diálogo criativo com o outro e de um mergulho em direção ao "desconhecido", mas também para a (des)construção do conjunto de formulações teóricas e conceituais que constituem o próprio saber antropológico, tornando-o mais sensível, empático e engajado.

Referências

BOWIE, Fiona. 2013. "Building Bridges, Crossing Boundaries: Towards a Methodology for the Study of the Afterlife, Mediumship, and Spiritual Beings". *Journal of the American Academy of Religion*, vol. 81, nº 3: 698-733.

CHIESA, Gustavo Ruiz. 2016. *Além do que se vê: magnetismos, ectoplasmas e paracirurgias*. Porto Alegre: Multifoco.

CSORDAS, Thomas. 2008. *Corpo/Significado/Cura*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

FAVRET-SAADA, Jeanne. 2005. "Ser afetado". *Cadernos de Campo*, n. 13, p. 155-161.

GOLDMAN, Marcio. 2003. "Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus". *Revista de Antropologia*, vol. 46, nº 2: 445-476.

HALLOY, Arnaud. 2016. "Full participation and ethnographic reflexivity: an Afro-Brazilian case study". *Journal for the Study of Religious Experience*, nº 2: 7-24.

INGOLD, Tim. 2015. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Editora Vozes.

_____. 2020. *Antropologia e/como Educação*. Petrópolis: Editora Vozes.

MERLEAU-PONTY, Maurice. 1999. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes.

PIERINI, Emily. 2020. *Jaguars of the Dawn*. New York: Berghahn Books.